REVISTA AC
Publicação científica

v. [01] | n. [02] | p. [0497-0507] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

O AUTISMO E O FAZER PEDAGÓGICO NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: A IMPORTÂNCIA DAS TECNOLOGIAS ASSISTIVAS, DA INTERVENÇÃO PRECOCE E DO OLHAR HUMANIZADO PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA AUTISTA

AUTISM AND PEDAGOGICAL PRACTICE FROM THE PERSPECTIVE OF INCLUSIVE EDUCATION: THE IMPORTANCE OF ASSISTIVE TECHNOLOGIES, EARLY INTERVENTION AND A HUMANIZED APPROACH TO THE DEVELOPMENT OF AUTISTIC CHILDREN

DOI: 10.5281/zenodo.23926908

Regina Batista dos Santos Silva[1]

Resumo

O presente artigo discute a importância do olhar pedagógico direcionado às crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), considerando as possibilidades de desenvolvimento, aprendizagem, comunicação, interação social e autonomia por meio de práticas educativas inclusivas, da utilização das Tecnologias Assistivas e da intervenção precoce. Aborda o acompanhamento do desenvolvimento infantil, a observação de possíveis sinais de alerta e a importância da avaliação especializada, sem reduzir a criança a características diagnósticas. Destaca o papel dos professores, especialmente dos profissionais da Educação Especial e do Atendimento Educacional Especializado (AEE), na construção de estratégias pedagógicas individualizadas, acessíveis e significativas. Discute, ainda, a participação da família e a atuação articulada entre educação e saúde. Com base em referenciais sobre educação inclusiva, desenvolvimento humano, autismo e Tecnologia Assistiva, compreende-se que a inclusão exige conhecimento, compromisso, sensibilidade, formação continuada e responsabilidade coletiva.

[1]Mestre em Ciências da Educação, na especialidade de Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor, pela Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, Portugal. Especialista em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor, pela mesma instituição. Especialista em Educação Inclusiva pela Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias. Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pela Universidade Pitágoras UNOPAR Anhanguera e em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Participou do Projeto Chapada durante oito anos, em atividades formativas e seminários.

v. [01] | n. [02] | p. [0497-0507] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

Palavras-chave: Autismo. Educação inclusiva. Tecnologias assistivas. Intervenção precoce. Práticas pedagógicas. Família.

Abstract

This article discusses the importance of a pedagogical approach to children with Autism Spectrum Disorder (ASD), considering opportunities for development, learning, communication, social interaction and autonomy through inclusive educational practices, Assistive Technology and early intervention. It addresses child development monitoring, the observation of possible warning signs and the importance of specialized assessment, without reducing the child to diagnostic characteristics. It highlights the role of teachers, particularly Special Education and Specialized Educational Support professionals, in developing individualized, accessible and meaningful teaching strategies. It also discusses family participation and coordinated work between education and health services. Based on references concerning inclusive education, human development, autism and Assistive Technology, the article argues that inclusion requires knowledge, commitment, sensitivity, continuing professional development and collective responsibility.

Keywords: Autism. Inclusive education. Assistive technology. Early intervention. Pedagogical practices. Family.

1 Introdução

Falar sobre o autismo é, antes de tudo, falar sobre pessoas, possibilidades, singularidades e direitos. É compreender que cada criança possui uma maneira própria de perceber o mundo, comunicar-se, estabelecer relações, aprender e desenvolver suas habilidades. Nesse contexto, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) exige da sociedade, das famílias e, principalmente, dos profissionais da educação um olhar atento, sensível, comprometido e fundamentado no conhecimento científico.

O autismo é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por diferenças persistentes na comunicação e na interação social, associadas a padrões restritos ou repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Suas manifestações e necessidades de apoio são variadas; por isso, não existem duas crianças autistas exatamente iguais. Cada uma apresenta características, potencialidades e necessidades específicas, que precisam ser reconhecidas e respeitadas.

No campo educacional, compreender essa diversidade significa superar práticas padronizadas e construir caminhos que considerem as particularidades de cada estudante. Não basta matricular uma

v. [01] | n. [02] | p. [0497-0507] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

criança autista na escola regular: é necessário garantir condições efetivas para sua participação, aprendizagem, desenvolvimento e pertencimento ao ambiente escolar.

Mantoan (2003) defende uma transformação das práticas e da organização escolar para que a escola acolha todos os estudantes, reconhecendo a diversidade como elemento constitutivo do processo educativo. Nessa perspectiva, o fazer pedagógico ultrapassa a transmissão de conteúdos: envolve observar, investigar, planejar, adaptar, mediar e avaliar continuamente.

É nesse cenário que as Tecnologias Assistivas assumem papel relevante, oferecendo recursos e estratégias que podem ampliar a comunicação, favorecer a autonomia, possibilitar a interação e contribuir para aprendizagens significativas. A intervenção precoce, a participação familiar e a atuação articulada entre profissionais também constituem elementos importantes para ampliar as oportunidades de desenvolvimento desde a primeira infância.

2 O autismo e a importância do olhar voltado para o desenvolvimento infantil

O desenvolvimento infantil acontece por meio de experiências, interações, vínculos afetivos e oportunidades de aprendizagem. Acompanhar cada etapa da infância é uma responsabilidade compartilhada entre família, profissionais da saúde e instituições educacionais.

Desde os primeiros meses de vida, é importante observar como a criança reage aos estímulos, estabelece contato com as pessoas, demonstra interesse pelo ambiente, responde às interações e desenvolve habilidades motoras, comunicativas e sociais. Ao longo do primeiro e do segundo ano, merecem atenção a evolução dos gestos, das vocalizações, da atenção compartilhada, da comunicação intencional, da imitação e das brincadeiras. Aos três anos e nas idades seguintes, é importante acompanhar a comunicação, a interação social, o brincar simbólico, a flexibilidade diante de situações cotidianas, os interesses e as habilidades de aprendizagem.

O autismo não pode ser identificado apenas pela observação de um recém-nascido. Os sinais podem tornar-se mais perceptíveis durante os primeiros anos de vida, e cada criança apresenta uma trajetória própria. Características como pouca resposta ao nome, diferenças na atenção compartilhada, ausência ou redução de gestos comunicativos, padrões repetitivos de comportamento e diferenças na interação social devem ser consideradas no conjunto do desenvolvimento, e não interpretadas isoladamente como diagnóstico.

v. [01] | n. [02] | p. [0497-0507] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

A vigilância do desenvolvimento e o rastreamento específico são componentes importantes do acompanhamento pediátrico. A Academia Americana de Pediatria recomenda vigilância contínua do desenvolvimento e rastreamento para autismo nas consultas de 18 e 24 meses. Quando há preocupações sobre o desenvolvimento, a família deve procurar orientação profissional sem esperar por essas idades (Hyman; Levy; Myers, 2020).

Observar uma criança é muito mais do que identificar aquilo que ela ainda não consegue realizar. É reconhecer suas conquistas, perceber suas formas de comunicação, identificar seus interesses, compreender suas necessidades e descobrir quais caminhos podem favorecer seu desenvolvimento.

3 A importância da intervenção precoce

A intervenção precoce é uma estratégia importante no acompanhamento de crianças com sinais de alterações no desenvolvimento ou diagnóstico de autismo. A identificação das necessidades e a oferta oportuna de apoios permitem organizar experiências, estimular habilidades funcionais e favorecer a participação da criança nos diferentes ambientes sociais.

A intervenção não deve ser compreendida como tentativa de modificar a identidade da criança ou obrigá-la a apresentar comportamentos considerados convencionais. Seu propósito é ampliar possibilidades de comunicação, interação, aprendizagem, autonomia e qualidade de vida, respeitando características individuais e priorizando objetivos significativos para a criança e sua família.

Quando a família percebe sinais que causam preocupação, é importante buscar avaliação e orientação especializadas, sem aguardar a entrada na escola. Profissionais da primeira infância e da educação podem contribuir por meio da observação, do registro do desenvolvimento, da identificação de barreiras à participação e do diálogo com os responsáveis.

O acompanhamento pode envolver pediatria, neuropediatria, psicologia, fonoaudiologia, terapia ocupacional, fisioterapia e outras áreas, conforme as necessidades identificadas. A escola também participa desse processo, pois as experiências cotidianas, as brincadeiras, as atividades pedagógicas, as relações afetivas e as oportunidades de participação são contextos relevantes de aprendizagem e desenvolvimento.

v. [01] | n. [02] | p. [0497-0507] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

4 O fazer pedagógico e a educação inclusiva: contribuições de Mantoan e Vygotsky

O fazer pedagógico voltado aos estudantes autistas exige uma postura profissional que compreenda a aprendizagem como processo construído a partir das experiências, das interações e das mediações. Mantoan (2003; 2011) enfatiza que a inclusão requer mudanças na organização escolar e nas práticas pedagógicas, superando modelos que tentam enquadrar todos os estudantes em uma única forma de aprender.

Essa compreensão é essencial no trabalho com crianças autistas, pois não existe uma metodologia única capaz de atender igualmente a todos os estudantes. O professor precisa conhecer o aluno, observar suas manifestações, identificar seus interesses e planejar atividades que possibilitem sua participação. Algumas crianças podem apresentar necessidades de apoio relacionadas à comunicação oral, à interação social, à organização das atividades, à flexibilidade comportamental ou ao processamento de estímulos sensoriais.

As contribuições de Vygotsky também são relevantes. Na perspectiva histórico-cultural, o desenvolvimento humano é constituído nas relações sociais e mediado pela linguagem, pela cultura e pela interação com outras pessoas. O professor atua como mediador ao organizar situações de aprendizagem, oferecer apoios e criar oportunidades para que o estudante avance em suas possibilidades (Vygotsky, 1997).

Na prática, o planejamento pode contemplar atividades lúdicas, jogos educativos, materiais concretos, recursos visuais, histórias, músicas, quebra-cabeças, atividades de pareamento, sequências lógicas, alfabetização, reconhecimento de letras, números, imagens, cores e formas. Mais importante do que a quantidade de atividades é a qualidade das experiências e a intencionalidade pedagógica de cada intervenção.

5 As Tecnologias Assistivas como ferramentas de acessibilidade e aprendizagem

As Tecnologias Assistivas compreendem produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que promovem funcionalidade, participação, autonomia e inclusão de pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida. No contexto escolar, podem apoiar a comunicação, o acesso ao currículo, a organização da rotina e a participação do estudante, desde que selecionadas de acordo com suas necessidades e objetivos.

v. [01] | n. [02] | p. [0497-0507] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

Bersch (2017) destaca a Tecnologia Assistiva como campo voltado à ampliação da independência, da qualidade de vida e da inclusão. Esses recursos podem ser simples ou sofisticados: nem sempre é necessário utilizar equipamentos de alto custo. Materiais confeccionados pelo professor, quando planejados adequadamente, também podem constituir recursos de acessibilidade.

Entre os recursos que podem contribuir para a participação de estudantes autistas, destacam-se pranchas de Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA), cartões com imagens e símbolos, rotinas visuais, agendas ilustradas, sistemas de comunicação por troca de figuras, aplicativos de comunicação, jogos educativos digitais, tablets, computadores com recursos de acessibilidade, histórias sociais, sequências visuais, materiais pedagógicos adaptados e objetos concretos.

A Comunicação Aumentativa e Alternativa merece atenção especial, pois oferece meios para que pessoas com necessidades complexas de comunicação expressem desejos, necessidades, sentimentos, escolhas e opiniões. Uma criança que não utiliza a fala de maneira funcional não deve ser considerada incapaz de comunicar-se ou aprender. Cabe à equipe identificar, com participação da família e dos profissionais envolvidos, os recursos e sistemas que melhor atendam às suas necessidades.

Pranchas de comunicação podem permitir que o estudante escolha atividades, solicite ajuda, expresse desconforto, indique preferências e participe de situações cotidianas. Rotinas visuais podem ajudá-lo a compreender a sequência das atividades, antecipar acontecimentos e organizar sua participação no ambiente escolar.

No processo de alfabetização, podem ser utilizados jogos de associação entre imagens e palavras, letras móveis, recursos digitais interativos, atividades de pareamento e ferramentas que favoreçam o reconhecimento de letras, sílabas e palavras. A seleção dos recursos deve considerar a funcionalidade para aquele estudante, e não apenas a disponibilidade do material.

A Tecnologia Assistiva não substitui o professor, a mediação pedagógica ou a interação humana. Ela amplia as possibilidades de acesso, comunicação, participação e aprendizagem, integrando-se ao planejamento educacional.

6 O papel do professor: acolher, observar, mediar e acreditar nas possibilidades

Ser professor de uma criança autista exige mais do que domínio de conteúdos e planejamento de atividades. Exige disponibilidade para conhecer o estudante, compreender suas necessidades e construir

v. [01] | n. [02] | p. [0497-0507] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

relações de confiança. O professor precisa desenvolver um olhar que enxergue além das dificuldades, reconheça habilidades, valorize conquistas e compreenda que cada avanço representa uma etapa importante do desenvolvimento.

O acolhimento, o respeito e a paciência são elementos fundamentais da relação pedagógica. Entretanto, o afeto precisa estar acompanhado de conhecimento, planejamento, intencionalidade e responsabilidade profissional. É necessário estudar, pesquisar, buscar estratégias e desenvolver práticas fundamentadas em evidências, considerando as características e os objetivos de cada estudante.

Determinados comportamentos podem constituir formas de comunicação. Uma criança que chora, se afasta, apresenta agitação ou demonstra resistência diante de uma atividade pode estar expressando uma necessidade, uma dificuldade ou um desconforto. A observação cuidadosa do contexto ajuda a compreender o que acontece e a planejar apoios mais adequados.

O planejamento deve contemplar acessibilidade, flexibilização de estratégias, recursos de apoio e diferentes formas de participação e avaliação, assegurando o direito de acesso ao currículo. O professor da sala comum e o professor do Atendimento Educacional Especializado precisam estabelecer parceria, compartilhar informações pedagógicas e construir estratégias articuladas.

A formação continuada é indispensável. O conhecimento sobre o autismo e as práticas de apoio está em constante desenvolvimento, e os profissionais precisam participar de estudos, conhecer pesquisas e refletir criticamente sobre suas práticas.

7 A importância da família no desenvolvimento da criança autista

A família constitui uma das principais referências afetivas e sociais da criança. No ambiente familiar acontecem experiências fundamentais de comunicação, interação, convivência, cuidado e desenvolvimento. Os familiares acompanham a trajetória da criança, conhecem suas preferências e podem compartilhar informações importantes com os profissionais que a acompanham.

A escola precisa reconhecer a família como parceira no processo educativo, estabelecendo uma relação de diálogo, confiança, respeito e colaboração. É importante que os responsáveis participem das reuniões, compartilhem informações sobre o desenvolvimento, relatem conquistas e dificuldades e acompanhem as estratégias pedagógicas desenvolvidas pela instituição.

v. [01] | n. [02] | p. [0497-0507] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

Da mesma maneira, a escola deve orientar os familiares, esclarecer dúvidas, valorizar seus conhecimentos e evitar atitudes que produzam culpa, julgamento ou exclusão. A parceria entre família e escola favorece a continuidade dos apoios e amplia as oportunidades de comunicação, autonomia e participação da criança em diferentes contextos.

A inclusão não pode ser responsabilidade exclusiva da família. Trata-se de compromisso coletivo que envolve instituições, profissionais, políticas públicas e sociedade.

8 A importância da equipe multiprofissional e da busca por acompanhamento especializado

O desenvolvimento integral da criança autista pode exigir a participação de diferentes profissionais, conforme as necessidades identificadas em cada etapa da vida. A atuação multiprofissional permite compreender o desenvolvimento sob diferentes perspectivas e organizar estratégias de acompanhamento mais abrangentes.

Essa rede pode envolver pediatra, neuropediatra, psicólogo, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, fisioterapeuta e profissionais da educação, entre outros, respeitadas as atribuições de cada área. A comunicação entre os envolvidos, com respeito à ética e à autorização da família, favorece a articulação dos apoios.

O diagnóstico e o acompanhamento clínico não substituem a avaliação pedagógica. Da mesma forma, a escola não deve assumir atribuições próprias dos profissionais da saúde. O trabalho precisa ser complementar, reconhecendo que o desenvolvimento envolve dimensões cognitivas, sociais, comunicativas, emocionais, motoras e educacionais.

Buscar acompanhamento especializado não significa reconhecer incapacidade, mas procurar compreender necessidades e garantir direitos e oportunidades.

9 A escola e a sociedade como espaços de inclusão e pertencimento

A inclusão da criança autista não pode ficar restrita à sala de aula ou ao atendimento especializado. Ela precisa acontecer em todos os espaços sociais. A escola deve constituir ambiente seguro, acessível e acolhedor, preparado para reconhecer a diversidade, combater preconceitos, eliminar barreiras e promover oportunidades reais de participação.

v. [01] | n. [02] | p. [0497-0507] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

O estudante autista precisa ser reconhecido como integrante da comunidade escolar, participando de atividades coletivas, eventos, brincadeiras, projetos pedagógicos e experiências de convivência. A inclusão exige atenção às necessidades de comunicação, à organização dos espaços, às questões sensoriais, à acessibilidade e à prevenção de situações de discriminação e violência.

Na sociedade, o compromisso com a inclusão deve alcançar os espaços de lazer, os serviços públicos, as instituições culturais, os ambientes comunitários e as relações cotidianas. Uma sociedade verdadeiramente inclusiva não apenas tolera as diferenças: aprende a conviver com elas e reconhece a dignidade e os direitos de cada pessoa.

10 Considerações finais

Compreender o autismo como condição do neurodesenvolvimento é reconhecer que as pessoas autistas possuem diferentes características, potencialidades e necessidades de apoio. Elas não devem ser definidas exclusivamente por suas dificuldades, mas reconhecidas como sujeitos de direitos, com sentimentos, desejos, capacidades e possibilidades de participação.

Algumas crianças necessitam de apoio mais intenso para realizar atividades cotidianas, comunicar-se e participar das experiências escolares. Outras apresentam maior autonomia em determinadas áreas e precisam de suporte em situações específicas. Essa diversidade demonstra a importância de abandonar generalizações e compreender cada estudante individualmente.

O conhecimento científico, a formação profissional, as Tecnologias Assistivas, a intervenção precoce, o trabalho multiprofissional e a participação familiar são elementos importantes para a construção de práticas inclusivas. Entretanto, nenhuma estratégia será suficiente sem o reconhecimento da criança como sujeito que tem direito à aprendizagem, à comunicação, à convivência e à participação social.

O desenvolvimento não acontece apenas quando a criança aprende a ler, escrever, contar ou realizar uma atividade de maneira independente. Também acontece quando consegue expressar uma escolha, comunicar uma necessidade, estabelecer um vínculo, participar de uma brincadeira, demonstrar confiança, compartilhar uma experiência e conquistar autonomia.

Trabalhar com crianças autistas exige professores que não desistam diante das dificuldades, que tenham sensibilidade para acolher, conhecimento para intervir, disposição para pesquisar e compromisso

v. [01] | n. [02] | p. [0497-0507] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

para mediar. Exige escolas que compreendam que incluir não é apenas permitir a presença de uma criança em sala de aula, mas garantir que ela seja respeitada, valorizada e tenha oportunidades reais de aprender e se desenvolver.

Cada conquista merece ser reconhecida, cada tentativa merece incentivo e cada criança merece ter suas possibilidades respeitadas. A inclusão verdadeira acontece quando o conhecimento caminha junto com a sensibilidade, quando a ciência se articula à prática pedagógica e quando o respeito às diferenças se transforma em atitudes concretas. É nesse compromisso diário, construído por professores, famílias, profissionais e sociedade, que se torna possível garantir às crianças autistas não apenas o direito de estar na escola, mas o direito de aprender, participar, conviver, desenvolver-se e ocupar plenamente seu lugar no mundo.

Referências

AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS. Promoting optimal development: identifying infants and young children with developmental disorders through developmental surveillance and screening. **Pediatrics**, v. 145, n. 1, 2020.

BERSCH, R. **Introdução à Tecnologia Assistiva**. Porto Alegre: Assistiva Tecnologia e Educação, 2017.

BOSA, C. A. Autismo: intervenções psicoeducacionais. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 28, supl. 1, p. S47-S53, 2006.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). **Developmental monitoring and screening**. Disponível em: https://www.cdc.gov/act-early/about/developmental-monitoring-and-screening.html. Acesso em: 1 nov. 2026.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão**: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

KANNER, L. Autistic disturbances of affective contact. **Nervous Child**, v. 2, p. 217-250, 1943.

LACERDA, L. **Transtorno do Espectro Autista**: uma brevíssima introdução. Curitiba: CRV, 2017.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MANTOAN, M. T. E. **O desafio das diferenças nas escolas**. Petrópolis: Vozes, 2011.

ORRÚ, S. E. **Autismo, linguagem e educação**: interação social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

SCHMIDT, C. (org.). **Autismo, educação e transdisciplinaridade**. Campinas: Papirus, 2013.

v. [01] | n. [02] | p. [0497-0507] | [jul-dez] [2026]
ISSN: 3086-819X

STEINBRENNER, J. R. et al. **Evidence-based practices for children, youth, and young adults with autism**. Chapel Hill: The University of North Carolina at Chapel Hill, Frank Porter Graham Child Development Institute, 2020.

VYGOTSKY, L. S. **Fundamentos de defectologia**. Obras escogidas V. Madrid: Visor, 1997.